


A COMPLEXIDADE DA CLASSE DOS ADJETIVOS: REPERCUSSÕES PARA O ENSINO

THE COMPLEXITY OF THE ADJECTIVE CLASS: IMPLICATIONS FOR TEACHING

Ana Maria Lima
Universidade Federal de Pernambuco
Mestrado Profissional em Letras
jalaraujolina@uol.com.br

 <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v21i2293>

Recebido em 09 de maio de 2021

Aceito em 27 de agosto de 2021

Resumo: Este artigo visa atender a dois objetivos principais: em primeiro lugar, pretende apresentar e discutir a complexidade da classe dos adjetivos, a partir de classificação e subclassificações propostas por linguistas. De fato, as subclassificações têm deixado muitas lacunas. Em segundo lugar, o trabalho pretende contribuir para o ensino e a aprendizagem dos itens dessa classe, que, numa perspectiva tradicional, têm sido realizados de maneira pouco aprofundada e demasiadamente simplificada. As reflexões aqui apresentadas contaram com o aporte teórico de diversos autores, sendo Casteleiro (1981), Borba (1996), Neves (2011) e Negrão *et al.* (2014) os que contribuíram de forma mais significativa para embasar a discussão. Os exemplos apresentados e analisados foram coletados de enunciados e de sintagmas nominais presentes em textos de diversos gêneros, orais e escritos, de ampla circulação. O *corpus* do trabalho, então, representa os usos reais da língua portuguesa, em sua variante brasileira.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Ensino. Adjetivos.

Abstract: This article aims to meet two main objectives: first, it intends to present and discuss the complexity of the class of adjectives, based on classification and subclassifications proposed by linguists. In fact, subclassifications have left many gaps. Secondly, the work intends to contribute to the teaching and learning of items in this class, which, in a traditional perspective, have been carried out in a shallow and overly simplified way. The reflections presented here had the theoretical support of several authors, being Casteleiro (1981), Borba (1996), Neves (2011) and Negrão *et al.* (2014) those who contributed most significantly to support the discussion. The examples presented and analyzed were collected from utterances and noun phrases present in texts of various genres, oral and written, with wide circulation. The corpus of the work, then, represents the real uses of the Portuguese language, in its Brazilian variant.

Keywords: Portuguese language. Teaching. Adjectives.

1 Introdução

“Adjetivo é a palavra que modifica o substantivo, atribuindo-lhe um estado, qualidade ou característica”. Essa definição básica, coletada em Nicola e Infante (1997, p.172), é bastante recorrente nos manuais tradicionais e em grande parte dos livros didáticos de português, com pequenas variações. Uma dessas variações, por exemplo, pode ser encontrada em Cunha (1976, p. 251), que define o adjetivo como “a espécie de palavra que serve para caracterizar os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhes: a) uma qualidade (ou defeito); b) o modo de ser; c) o aspecto ou aparência; o estado.”. Não é exagero afirmar, então, que essa visão simplificada acerca do adjetivo é quase consensual nas salas de aula da Educação Básica e nos estudos tradicionais da língua portuguesa.

Assim, o mais comum é que, nas escolas, trabalhem-se os itens da classe dos adjetivos de maneira homogênea, como se todos tivessem as mesmas propriedades formais e funcionais. Com esse tratamento, não se costuma diferenciar os itens difíceis e rural, em enunciados como (1) e (2), a seguir:

- (1) *Estamos vivendo tempos difíceis em meio à pandemia de coronavírus COVID-19.*
- (2) *Podemos começar definindo como trabalhador rural qualquer pessoa que trabalhe em regiões que não são urbanas.*

Entretanto, autores que adotam uma perspectiva mais propriamente linguística – a exemplo de Casteleiro (1981); Borba (1996); Neves (2011); e Negrão et. al. (2014) – defendem que os elementos destacados nos enunciados (1) e (2) apresentam traços suficientemente diferentes para receberem um tratamento não homogêneo e para serem alocados em subclasses distintas. Nas palavras de Borba (1996), itens como os exemplificados acima

são rotulados, nos dicionários, como adjetivos, sem comentários, como se integrassem uma só classe homogênea. Têm, entretanto, comportamento sintático e valores semânticos suficientemente específicos para serem colocados em dois grupos. (BORBA, 1996, p.177)

Tomando os autores listados acima como fonte teórica, este artigo pretende fazer uma reflexão sobre a classe dos adjetivos, itens que serão aqui analisados em relação a alguns de seus aspectos formais e funcionais. Com essa reflexão, pretendemos argumentar a favor de um tratamento escolar mais aprofundado e abrangente da classe dos adjetivos. Mas nosso principal objetivo, de fato, é o de alcançar o(a) professor(a) de português, em especial o que atua na Educação Básica, na esperança de que as reflexões feitas neste trabalho gerem nesse(a) profissional o desejo de pesquisar mais sobre os adjetivos, a perspicácia para questionar as afirmações tradicionais e a coragem de optar por não mais trabalhar com atividades que, distantes do real funcionamento dos adjetivos, tratam esses itens de maneira simplista e homogênea. Sabemos que toda mudança na nossa prática pedagógica é precedida por novas e significativas reflexões; por isso desejamos que este artigo dialogue privilegiadamente com professores(as) de português.

Para alcançar nosso objetivo, optamos por organizar este artigo em duas seções principais: na primeira, são apresentados e discutidos alguns aspectos formais e funcionais dos adjetivos, com o intuito de demonstrar a grande complexidade dos itens dessa classe. Na segunda, a ênfase recai sobre o ensino dos adjetivos e apresentam-se orientações gerais para os(as) professores(as).

Os adjetivos analisados neste trabalho são apresentados tanto em enunciados quanto em sintagmas nominais. Os enunciados foram coletados de textos de gêneros escritos diversos, de ampla circulação na internet. As fontes dos textos estão indicadas ao final do trabalho. Os sintagmas, por sua vez, integram um *corpus* formado por 631 sintagmas nominais que serviu de material de análise para pesquisa por nós realizada (LIMA, 1998). Tanto os enunciados quanto os sintagmas são exemplos representativos de usos reais da língua portuguesa, em sua variante brasileira.

2 Uma subclassificação: adjetivos qualificadores e classificadores

Os estudos publicados sobre a classe dos adjetivos são unânimes em reconhecer a heterogeneidade dos itens dessa classe e a grande complexidade que se instaura na relação substantivo-adjetivo. Esses estudos revelam, além disso, que não há ainda um consenso no que se refere à terminologia empregada para dar conta das subclasses dos adjetivos. Vejam-se, a esse respeito, as variadas opções terminológicas que se apresentam em Neto (1991); Castilho & Castilho (1993) e Negrão *et al.* (2014), só para citar alguns estudos.

A tradição gramatical reconhece, para o adjetivo, duas funções sintáticas distintas em relação ao núcleo substantivo: (a) uma função predicativa, quando o adjetivo é núcleo do sintagma verbal e se liga ao substantivo por meio de um verbo de ligação; e (b) uma função adnominal, quando o adjetivo é periférico em relação ao núcleo nominal e se liga a esse de forma direta, ou seja, um ao lado do outro. Os enunciados (3) e (4) exemplificam, respectivamente, essas duas funções.

(3) *A desigualdade nas regiões brasileiras é **evidente**.*

(4) *Ora, uma equidade ilusória sem sombra de dúvidas é ainda pior do que a desigualdade **evidente** [...].*

Considerando apenas os adjetivos com função adnominal e observando a relação dinâmica do par substantivo + adjetivo, é possível perceber diferentes funções semânticas para os itens adjetivos: no seu papel de atribuir uma propriedade singular às categorias designadas pelos substantivos, os adjetivos podem: (a) qualificar as categorias; ou (b) colocar as categorias em uma determinada classe. Com base nessas duas funções semânticas, Borba (1996) e Neves (2011) subclassificam os adjetivos em qualificadores e classificadores.

Adjetivos qualificadores podem ser reconhecidos, por exemplo, nos sintagmas “*menino bobo*”, “*dia claro*” e “*banana podre*”, em que “bobo”, “claro” e “podre” qualificam os substantivos com os quais estão relacionados, ou seja, atribuem certa propriedade à categoria designada pelo substantivo. Para Neves (2011, p.185), “essa atribuição de propriedade constitui um processo de predicação e, por isso, esses adjetivos podem ser considerados de tipo **predicativo**.” (grifo da autora)

Adjetivos classificadores, por sua vez, podem ser evidenciados nos sintagmas “*escola particular*”, “*jornal regional*” e “*indústria têxtil*”, em que “particular”, “regional” e “têxtil” operam o enquadramento das categorias designadas pelos substantivos em uma determinada classe.

É importante salientar que a subclassificação dos adjetivos em qualificadores ou classificadores nem sempre é tão óbvia, e a identificação do funcionamento de um item adjetivo como qualificador ou classificador somente pode ser realizada a partir da análise do modo que o adjetivo incide sobre o substantivo.

Segundo Borba (1996), as duas subclasses – adjetivos qualificadores e adjetivos classificadores – apresentam prototipicamente diversas propriedades distintas. Apresentamos, no Quadro 1, uma síntese dessas propriedades.

QUADRO 1 - PROPRIEDADES DAS SUBCLASSES DOS ADJETIVOS

QUALIFICADORES (QL)	CLASSIFICADORES (CL)
Contraem relação interna com o substantivo (porque se incorporam à sua natureza, como se constituíssem um traço dele)	Contraem relação externa com o substantivo (porque apenas o colocam numa determinada classe)
São descritivos	São definitórios
Expressam subjetividade, na medida em que têm valor relativo, causado por diferenças de grau na apreciação ou seleção subjetiva	Expressam objetividade, na medida em que apenas especificam uma classe na qual se inclui o substantivo
Representam um modo de conceber (apreciar, avaliar, julgar, perceber o mundo)	Representam um modo de relacionar entidades, classificando-as
Por atribuírem ao substantivo uma determinada propriedade, permitem gradação (<i>rapaz alto – rapaz muito alto</i>)	Por colocarem o substantivo numa determinada classe, não permitem gradação (<i>trabalhador rural – *trabalhador muito rural</i>)
Tanto podem aparecer na posição adnominal quanto na predicativa; daí poderem sofrer anteposição (com várias implicações)	Só aparecem em posição adnominal (embora, em condições contextuais especiais possam aparecer em posição predicativa). Têm posição fixa pós-nominal.
Por aceitarem posição predicativa se combinam com verbos de avaliação	Não se combinam com verbos de avaliação
Entram em orações exclamativas (<i>Nossa, que comida salgada!</i>)	Não entram em orações exclamativas (<i>*Nossa, que comida típica!</i>)
Compõem construções coordenadas	Não compõem construções coordenadas

Fonte: a autora, com base em Borba (1996)

2.1 Considerações sobre os adjetivos prototípicos

Em trabalhos anteriores (LIMA, 1998; 2014), constatamos que alguns adjetivos apresentam todas as propriedades da sua subclasse e, por isso, enquadram-se perfeitamente nela. Esses casos de itens que consideramos prototípicos podem ser exemplificados, dentre vários outros casos, pelos sintagmas: “*mensagem longa*”, “*ádua tarefa*”, “*areia alva*”, “*festa barulhenta*”, “*gosto amargo*”, “*criança dócil*”, “*amplo programa de reformas*”, “*nariz aquilino*”, “*menino cabeçudo*”, “*pai careta*”, “*homem charmoso*”, “*ótimos resultados*” e “*alimento nutritivo*”, em que os adjetivos apresentam todas as propriedades da subclasse dos qualificadores (QL) listadas no Quadro 1, acima. Ou, ainda, pelos sintagmas “*hino católico*”, “*música clássica*”, “*governo federal*”, “*corpo humano*”, “*farinha láctea*” e “*pintura rupestre*”, em que os adjetivos apresentam todas as propriedades da subclasse dos classificadores (CL).

Uma análise mais acurada dos aspectos formais e funcionais dos adjetivos prototípicos revela, no entanto, que, apesar de esses itens compartilharem diversas propriedades típicas de uma determinada subclasse, eles não formam um conjunto homogêneo de itens. Em vez disso, apresentam traços tão particulares que justificariam serem novamente alocados em novas subclasses. Alguns desses traços são descritos a seguir.

2.1.1 Analisando os adjetivos prototípicos do ponto de vista “morfológico”, percebe-se que alguns compõem um subgrupo que se poderia chamar de “adjetivos primitivos”, uma vez que não são derivados de outras classes gramaticais. Exemplos de adjetivos primitivos são atroz [em “*assassino atroz*”], débil [em “*voz débil*”] e fácil [em “*tarefa fácil*”]. Por outro lado, um grande conjunto de

itens deriva de outras classes, a exemplo de abatido [em “*ar abatido*”], salgada [em “*comida salgada*”] e escorregadio [em “*piso escorregadio*”], que são adjetivos derivados de verbos; e de cabeçudo [em “*menino cabeçudo*”], dengosa [“*criança dengosa*”] e peituda [“*mulher peituda*”], que são adjetivos derivados de substantivos. Dentre os itens derivados de formas verbais, alguns ainda preservam traços da classe dos verbos, como adulterado [em “*documento adulterado*”, cuja origem é “documento que foi adulterado”] e cozido [em “*presunto cozido*”, que preserva o sentido de “presunto que foi (ou que está) cozido”]. Por outro lado, alguns adjetivos derivados de verbos distanciam-se mais dessa classe, como ocorre no sintagma “*pessoa aberta*”, no qual o adjetivo guarda pouca relação semântica com o particípio de abrir.

- 2.1.2 Os adjetivos qualificadores prototípicos podem ser analisados também a partir de sua “força atributiva”, que não é igual para todos os itens. Assim, analisando a maneira como alguns QL incidem sobre o referente nominal, fica claro que essa atribuição se faz diretamente sobre o referente, ao passo que, no caso de outros QL, essa atribuição se faz indiretamente, ou como que “por tabela”. Compare-se, por exemplo, o item chata [em “*professora chata*”] com o item agressiva [em “*resposta agressiva*”]. O primeiro incide diretamente sobre o núcleo, de tal modo que em “*professora chata*” interpretamos o chata como uma característica, uma qualidade inerente da categoria professora. Diferentemente desse modo de atribuir qualidade, o item agressiva, quando aplicado a resposta, não incide diretamente sobre esse núcleo nominal, mas sobre o ser humano que pratica a ação de responder. “*Resposta agressiva*” poderia, assim, ser substituído por [“alguém respondeu agressivamente”]. Isso acontece mais frequentemente nos casos em que o núcleo nominal apresenta o traço [–Humano], como nos sintagmas “*gesto amigo*” [= “gesto de pessoa amiga”]; “*atitude covarde*” [= “atitude de pessoa covarde”]; “*andar gracioso*” [= “andar de maneira graciosa” ou “andar graciosamente”]; “*resposta idiota*” [= “resposta de pessoa idiota”], “*declaração romântica*” [= declaração de pessoa romântica], dentre vários outros exemplos.
- 2.1.3 Outro critério que pode ser utilizado para distinguir os adjetivos prototípicos se refere à sua “interpretação”, ou compreensão, quando estão fora dos seus contextos de uso. Quando analisamos sintagmas descontextualizados, percebemos que alguns são “autônomos”, ou seja, sua compreensão independe de um contexto mais amplo. Por exemplo, não temos dificuldade de entender as construções “*nariz aquilino*”, “*filho briguento*”, “*hino católico*” e “*fruta verde*”, ainda que elas não estejam inseridas em seus contextos. Outras construções, entretanto, têm sua interpretação dificultada pela ausência de contexto, sendo por isso contextualmente dependentes. Isso pode ser observado, por exemplo, no sintagma “*passageiro frequente*”, coletado de um anúncio publicitário de companhia aérea que oferecia vantagens para os passageiros que viajam muito, os quais eram referidos como “passageiros frequentes”. Outro exemplo se observa em “*observações favoráveis*”, cujo sentido não parece tão claro, se analisado fora de contexto. O sintagma foi coletado de um texto expositivo no qual se explicava a diferença conceitual entre “reconhecimento” e “elogio”. O trecho completo é o seguinte:

- (5) *O conceito de reconhecimento é definido como a declaração de um fato, ou seja, são evidências concretas de algo produzido por alguém. Já os elogios são **observações favoráveis** a respeito das características de uma pessoa ou ação executada por ela.*

Vê-se, então, que, fora do contexto em que ocorrem, sintagmas como “passageiro frequente” e “observações favoráveis” dificilmente seriam adequadamente interpretados.

- 2.1.4 Tomando ainda a interpretação/compreensão como critério distintivo dos adjetivos prototípicos, observamos que alguns são claramente denotativos, enquanto outros ativam interpretação mais conotativa, a depender do conjunto de traços do núcleo nominal. Por exemplo, o sintagma “homem ambicioso” ativa uma interpretação denotativa, pois deve ser compreendido como “homem que tem ambição”. Por outro lado, “projeto ambicioso”, por conta do traço [–Humano] do núcleo, não pode ativar interpretação denotativa. Esse mesmo efeito pode ser evidenciado no sintagma “estudo curioso”, se comparado a “pessoa curiosa”. Neste caso, a “curiosidade” é inerente ao núcleo nominal apenas se ele tiver o traço [+ Humano]; no caso de o núcleo nominal apresentar o traço [–Humano], a interpretação deve ser a de “que desperta a curiosidade de alguém”, como é o caso de “estudo curioso”, “fato curioso” e “notícia curiosa”. Concluimos, assim, que diferenças semânticas na interpretação dos sintagmas são também motivadas pela diferença de traços do referente nominal.
- 2.1.5 Conforme consta no Quadro 1, uma das propriedades que diferenciam os QL dos CL é a possibilidade de os QL serem graduáveis (como em “dia [muito/pouco] quente”), em oposição aos CL, que são não graduáveis (veja a impossibilidade de graduação em “braço [muito/pouco] esquerdo”). Verificamos, todavia, que a graduação característica dos adjetivos QL prototípicos nem sempre é possível para esses itens, pois alguns deles se apresentam como componentes de uma escala. São adjetivos como delicioso, que, em relação ao núcleo “comida”, já representa o grau máximo de uma escala bom/gostoso/delicioso; enorme e gigantesco, que integram a escala pequeno/grande/enorme/gigantesco; péssimo, ótimo e excelente, que compõem a escala péssimo/ruim/bom/ótimo/excelente; milionário e miserável, que representam os dois extremos da escala miserável/pobre/rico/milionário; deslumbrante, fantástico, estupendo, esplendoroso, fascinante, maravilhoso, majestoso, obeso, sensacional, todos hiperbólicos. Podemos concluir que adjetivos QL desse tipo rejeitam gradação, sendo, entretanto, ainda prototípicos.
- 2.1.6 Observando o sentido dos itens adjetivos, percebemos que alguns QL prototípicos apresentam em sua carga semântica uma comparação implícita. É o caso de itens como adiantado [em “aluno adiantado”], avanzado [em “polo avanzado”], diferente [em “aventura diferente”; “cliente diferente”; “domingo diferente”; “peças diferentes” e “sabor diferente”], inconfundível [em “estilo inconfundível”], ideal [em “ambiente ideal”] e principal [em “principais cidades” e “principal ocupação”]. Todos eles só podem ser compreendidos com base em uma comparação, ainda que os itens comparados não se apresentem no contexto em que os adjetivos se inserem. Se alguém faz referência a um “domingo diferente”, por exemplo, devemos compreender que se trata de um domingo diferente, quando comparado a outros domingos.

- 2.1.7 Ainda no que se refere à carga semântica, alguns adjetivos QL prototípicos têm o sentido de CAUSAR/PROVOCAR EM [+ Humano]. Por conta desse traço, a relação que se instaura entre o adjetivo e o núcleo nominal é “frouxa”, ou seja, a força atributiva do adjetivo em relação ao nome é fraca. Isso pode ser observado, por exemplo, em “*notícia dolorosa*”, que significa claramente “notícia que causa dor em alguém”; em “*jogo emocionante*”, cuja interpretação é “jogo que provoca emoção em alguém”; em “*passeio entediante*”, que equivale a “passeio que provoca tédio em alguém”; em “*passeio excitante*”, que significa “passeio que causa excitação em alguém”; em “*história fascinante*”, que corresponde a “história que provoca fascínio em alguém”; em “*droga maléfica*”, cuja interpretação é “droga que causa mal a alguém”; em “*jogada surpreendente*”, que equivale a “jogada que provoca surpresa em alguém”; e em “*atitude suspeita*”, que deve ser interpretado como “atitude que causa suspeição em alguém”.
- 2.1.8 Alguns itens, em especial aqueles adjetivos derivados de verbos, atribuem ao núcleo nominal uma característica resultante de uma ação externa, ou seja, resultante da ação de terceiros. Por exemplo, os sintagmas “*respeitado médico*”, “*padre benquisto*” e “*arquitetura premiada*”, devem ser interpretados, respectivamente, como “médico que todos respeitam”, “padre a que todos querem bem” e “arquitetura que recebeu prêmios [de outros]”.

Fica evidenciado, então, que, mesmo o conjunto de adjetivos considerados prototípicos – porque atendem a todas as propriedades descritas no Quadro 1 – apresentam grande heterogeneidade, do ponto de vista formal e funcional. Não deveriam, por isso, ser tratados de maneira uniforme.

Há que se considerar, ademais, o conjunto dos itens não prototípicos, igualmente complexos e heterogêneos. Acerca desses itens trataremos na seção a seguir.

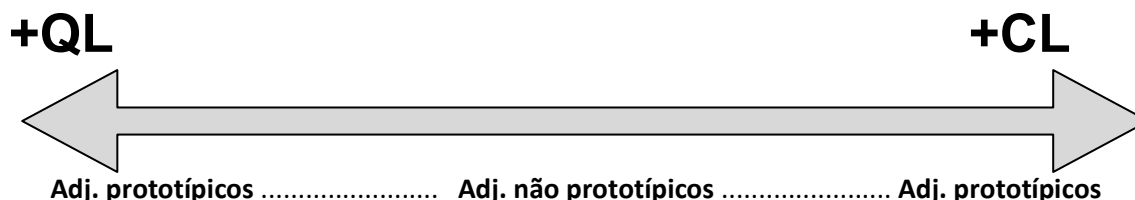
2.2 Considerações sobre os adjetivos não prototípicos

Como já anteriormente explicado, consideram-se prototípicos, neste trabalho, aqueles itens que atendem a todas as propriedades das subclasses descritas no Quadro 1. Ocorre que um grande número de adjetivos, quando analisados em seus contextos de uso, não se enquadra nem no grupo dos adjetivos qualificadores nem no dos adjetivos classificadores, por apresentarem propriedades tanto de uma subclasse quanto de outra.

Isso nos leva à conclusão de que os itens componentes da classe dos adjetivos não podem ser tratados como unidades discretas com vistas a serem enquadrados em uma das duas subclasses – qualificadores ou classificadores. De fato, há adjetivos que não se enquadram em nenhuma dessas duas subclasses, por apresentarem propriedades de ambas as subclasses, ainda que, obviamente, eles mostrem uma tendência de aproximar-se mais de uma das subclasses, apresentando mais propriedades de uma delas.

Defendemos, por isso, que as noções de “qualificadores” e “classificadores” sejam interpretadas não como polos opostos, mas como extremos de um contínuo, de modo que os itens adjetivais podem estar ou nos extremos – sendo assim prototípicos – ou nos espaços intermédios, nos quais tenderiam para um extremo ou para outro, sendo [+QL] ou [+CL]. A representação desse contínuo é a seguinte:

FIGURA 1 – SUBCLASSES DOS ADJETIVOS EM CONTÍNUO



No *corpus* analisado neste trabalho, encontramos um número significativo de adjetivos qualificadores não prototípicos. Alguns deles, acompanhados de suas propriedades, estão apresentados no Quadro 2, abaixo.

QUADRO 2 - PROPRIEDADES DOS ADJETIVOS QUALIFICADORES NÃO PROTOTÍPICOS

SINTAGMAS	PROPRIEDADES			
	Expressa subjetividade	Permite Gradação	Pode sofrer anteposição	Entra em construções exclamativas
“ <i>verdade absoluta</i> ”	N	N	S	N
“ <i>terrenos arenosos</i> ”	N	S	S	S
“ <i>eterno namorado</i> ”	S	N	S	N
“ <i>juventude eterna</i> ”	S	N	S	N
“ <i>estilo inconfundível</i> ”	S	N	S	S
“ <i>filme inédito</i> ”	N	N	S	N
“ <i>argumento irrefutável</i> ”	S	N	S	S
“ <i>dia memorável</i> ”	S	N	S	S
“ <i>documentos perdidos</i> ”	N	N	N	N
“ <i>mulher pelada</i> ”	N	N	N	N
“ <i>passado recente</i> ”	N	S	S	N
“ <i>chuva temporã</i> ”	N	S	N	S

Fonte: A autora

LEGENDA: N = não apresenta a propriedade S = apresenta a propriedade

Como se pode perceber, os adjetivos apresentados no Quadro 2 são não prototípicos, apresentando algumas das propriedades de uma subclasse, mas não todas.

Outros adjetivos, no entanto, apresentam dificuldade de enquadramento em uma subclasse porque sua interpretação pode variar, a depender do contexto em que eles estão inseridos. Essa variação ocorre com certa regularidade, particularmente, quando são analisados os usos dos chamados “adjetivos pátrios”. Observem-se, por exemplo, os seguintes sintagmas:

- “*instituto alemão*”, “*seleção brasileira*”
- “*torcida brasileira*”, “*bairro japonês*”

Os itens adjetivos dos sintagmas acima podem ser interpretados como indicadores reais de nacionalidade, sendo literalmente “pátrios”, ou não. Por exemplo, o sintagma “*instituto alemão*” pode fazer referência a uma instituição que está localizada na Alemanha, ou pode indicar uma instituição que se localiza no Brasil, cujo objetivo é ensinar a língua alemã. Neste caso, o adjetivo *alemão* faz referência à língua ensinada na instituição, e não à sua procedência ou localização. Não tem, portanto, o funcionamento de um “adjetivo pátrio” literal.

O sintagma “*torcida brasileira*”, por sua vez, pode, em algum contexto, não fazer referência exclusivamente a torcedores que nasceram no Brasil. O sintagma pode

ser utilizado para referir-se a um grupo de torcedores que apostam no Brasil, mesmo que seja de não brasileiros. Na Copa do Mundo de 1998, por exemplo, realizada na França, um grande número de estrangeiros torcia pelo time do Brasil, e o locutor sempre se referia a esse grupo como “a torcida brasileira”. Nessa acepção, o adjetivo é utilizado para **qualificar** a torcida (+ QL), mais do que para colocá-la numa classe. Assim, podemos concluir que, quando um adjetivo pátrio é usado em sentido literal, indicando uma nacionalidade real, ele se enquadra na subclasse dos classificadores; quando não tem esse sentido mais literal, ele se aproxima da subclasse dos qualificadores.

É importante destacar que a possibilidade de um item adjetival apresentar mais de uma interpretação, a depender do contexto em que é utilizado e das intenções comunicativas de um enunciador, não se aplica apenas aos adjetivos pátrios. A expressão “*jantar beneficente*”, por exemplo, pode ser empregada em referência a um certo “jantar” que tem como objetivo fazer alguma boa ação. Nesse caso, o jantar é avaliado pelos convidados como um “jantar beneficente”, ainda que não tenha sido concebido como um por seus idealizadores. Mas a mesma expressão “*jantar beneficente*” pode ser empregada com a intenção de expressar um **tipo particular** de evento, diferenciando-o de outros tipos de eventos. No primeiro caso, “beneficente” se aproximaria dos qualificadores; no segundo, o adjetivo seria enquadrado no grupo dos classificadores.

O mesmo acontece com as possibilidades interpretativas da expressão “*país desenvolvido*”. O adjetivo “*desenvolvido*” pode ser empregado em contextos nos quais se quer qualificar um determinado país, que é avaliado pelo falante/escritor como sendo “desenvolvido”. Nesse caso, o adjetivo se aproxima da subclasse dos QL. Porém, há contextos em que a expressão “*país desenvolvido*” é empregada para fazer referência a uma classificação, em que os países do mundo são agrupados, segundo certos critérios, em “países desenvolvidos”, “países em desenvolvimento”, “países subdesenvolvidos”. Se o adjetivo coloca o núcleo nominal “país” em um desses três grupos, tem funcionamento de classificador.

Outros exemplos de sintagmas cujos adjetivos têm sua interpretação dependente do contexto, podendo ser utilizados para designar uma classe (+CL) ou uma qualidade/característica (+QL), são: “*músculo contrátil*”; “*gás letal*”; “*produto importado*”; “*ala jovem*”; “*tempos modernos*”; “*golpe mortal*”; “*alimentação natural*”; “*comida natural*”; “*açúcar refinado*” e “*pirex refratário*”.

Outra característica relativamente frequente dos adjetivos não prototípicos é a possibilidade de eles transitarem de uma subclasse para outra, a depender do núcleo nominal. Essa possibilidade nos revela que “qualificar” e “classificar” resultam não propriamente do papel atributivo dos itens adjetivos sobre as categorias designadas pelos substantivos, mas resultam, antes, da complexa relação que se instaura no par substantivo-adjetivo.

Na dinâmica relação entre substantivos e adjetivos, podemos observar que um item adjetival como benigno atua como qualificador em “*homem benigno*”; mas como classificador em “*tumor benigno*”. Igualmente, o item adjetival elétrica(s), é qualificador em “*criança elétrica*”; mas classificador em “*cargas elétricas*”. O item negro(a) é qualificador em “*homem negro*”; mas classificador em “*música negra*”. E o item romântico(a) é qualificador em “*namorada romântica*”; mas classificador em “*música romântica*”. Note-se que os itens adjetivais tendem a ser +QL quando o referente apresenta o traço [+Humano] e +CL, quando o referente apresenta o traço [–Humano].

Foi identificado, ainda, em nosso *corpus* de análise, um grupo de adjetivos que entram na composição de sintagmas com maior ou menor grau de cristalização. Em

referência a sintagmas “cristalizados” pelos usos, Biderman (1996, p. 6) emprega a expressão “lexias complexas”, pois para essa autora ocorre, nesses sintagmas, uma “soldadura entre os elementos”, de modo que se gera um novo sentido global, que não resulta simplesmente da soma de sentidos de cada item da lexia.

Biderman (1996) defende que é possível identificar, dentre as lexias complexas, aquelas cujos elementos componentes estão perfeitamente soldados, enquanto outras apresentam seus elementos com forte índice de coesão interna. O grau de coesão de que trata Biderman (1996, p. 7) vai depender, segundo ela, da frequência de uso, que “vai dando aos falantes um forte sentimento de cristalização da sequência discursiva”.

Dentre os sintagmas analisados em nossa pesquisa, foi possível observar que alguns já se encontram perfeitamente “soldados”, formando uma mesma unidade semântica. Nesses casos, o sintagma adquire valor de “palavra”. Em outros casos, tanto o substantivo quanto o adjetivo formadores do sintagma mantêm seu sentido básico original, de modo que a “soldadura” a que Biderman (1996) alude ainda está em processo de cristalização.

Um dos critérios que podem ser utilizados para avaliar se o processo de cristalização está concluído é o critério da “ordem”. Parece-nos incontestável que a posição do adjetivo em relação ao substantivo é fixa quando se trata de processo completo de cristalização. Nesses casos, o adjetivo ou vem fixo anteposto, como em “zona de **baixo** meretrício”, ou vem fixo posposto, como em “corda **bamba**”, em ambos os exemplos não havendo possibilidade de deslocamento da posição, uma vez que a alteração na ordem acarretaria esvaziamento da lexia complexa.

Constatamos em nosso *corpus* algumas lexias que se fixaram na língua por serem títulos de histórias, jogos, filmes, nomes de comidas etc. e adquiriram estatuto de substantivos próprios, alguns sendo inclusive grafados com iniciais maiúsculas, como é o caso de “*Patinho Feio*”, “*Batalha Naval*” e “*Buraco Negro*”.

Outros sintagmas do *corpus* que foram avaliados como lexias complexas – já cristalizadas ou em fase intermediária de cristalização – são: “*altos papos*”, “*desenho animado*”, “*lua cheia*”, “*pavio curto*”, “*braço direito*”, “*cabeça dura*”, “*conversa mole*” e “*corpo mole*”. Não se pode esquecer que a identificação de um sintagma como lexia complexa é também contextualmente dependente. Nos casos de “*pavio curto*”, “*braço direito*”, “*cabeça dura*”, “*conversa mole*” e “*corpo mole*”, só é possível interpretá-los como lexias complexas a partir da análise do contexto em que se inserem os sintagmas. Assim, serão consideradas lexias complexas se:

- “*pavio curto*” se apresentar com referente [+Humano] e sentido de “alguém que perde a paciência com facilidade”;
- “*braço direito*” se apresentar com referente [+Humano] e sentido de “alguém de quem não se pode prescindir para desempenhar um trabalho”;
- “*cabeça dura*” se apresentar com referente [+Humano] e sentido de “teimoso”;
- “*conversa mole*” se apresentar com referente [+Humano] e sentido de “conversa sem muito conteúdo; conversa boba”;
- “*corpo mole*” se apresentar com referente [+Humano] e entrar na composição da expressão “fazer corpo mole”, que significa “não se empenhar em um trabalho ou em uma atividade”.

Vários outros sintagmas do *corpus* parecem estar em processo de cristalização, mas não se constituem ainda como lexias complexas. Nesses casos, podemos dizer que eles estão em uma “fase intermediária” de cristalização, como é o caso de “*salto alto*”,

“liberdade condicional”, “cheque especial”, “entrada grátis”, “vista panorâmica” e “mulher pelada”, em certos contextos de uso.

Por fim, embora não tenha sido objeto de nossa investigação, não podemos deixar de mencionar os casos de sintagmas que são formados por dois itens substantivos, em que um deles ganha funcionamento de adjetivo. Isso acontece sempre que, no par SUBSTANTIVO + SUBSTANTIVO, um dos itens perde seu valor referencial e funciona atribuindo propriedades ao outro item do par.

Ao funcionar como adjetivo, o substantivo pode exercer função predicativa, como em (6), abaixo,

(6) *Inovação é **chave** para Brasil melhorar produtividade, aponta especialista.*
ou função adnominal, em que ele se coloca à direita do outro membro do par, para qualificá-lo ou classificá-lo, como se vê em (7):

(7) *O advogado é a peça-**chave** para o desenvolvimento do país.*

As reflexões que se apresentaram até este ponto do trabalho objetivaram demonstrar quão heterogênea é a classe dos adjetivos. Seu estudo, na escola, não deveria, portanto, reduzir-se a uma definição simplificada e ao treino mecânico, com atividades sobre a classificação dos adjetivos, as flexões de grau, o plural dos compostos, a transformação de adjetivo em locução adjetiva etc. Esses aspectos podem, sim, ser trabalhados na escola. Mas o trabalho escolar não deveria centrar-se nisso, em detrimento de reflexões mais amplas e aprofundadas acerca das funções textuais e discursivas dos itens adjetivos. Na seção a seguir, vamos refletir brevemente sobre questões de ensino dos adjetivos.

3 Os adjetivos como objeto de ensino

As classes de palavras têm sido foco dos estudos gramaticais desde os seus primórdios. De fato, no percurso da disciplina gramatical, o estudo das classes de palavras parece ter resistido a todas as mudanças que foram motivadas pelo desenvolvimento de diferentes concepções de língua e de ensino de língua.

Organizar as palavras em classes atende a uma necessidade humana geral de organização. Na visão de Ilari (2014),

a intuição de que as palavras têm características (distribucionais e semânticas, cognitivas, discursivas etc.) das quais podemos dar conta mais adequadamente distribuindo-as em classes não tem apenas uma presença histórica forte; é também uma das convicções mais fortes dos falantes das línguas em geral e do português em particular. (ILARI, 2014, p. 10)

Assim, não é particularmente problemático o ensino e a aprendizagem das palavras por meio de reflexões sobre seus traços (ou propriedades) comuns, que as agrupam numa mesma classe. No estágio atual de reflexão sobre a língua e seu ensino – cujo foco privilegiado deveria ser o uso social que fazemos da língua –, consideramos que problemático é tratar as classes de palavras como compartimentos estanques e enfatizar, no seu estudo, aspectos formais e normativos. Como, então, trabalhar com os adjetivos em sala de aula?

Na prática pedagógica, o “como?” é, talvez, a pergunta mais difícil de responder de maneira direta, porque acreditamos que cada professor(a) deve ter autonomia para, conhecendo seus alunos, estabelecendo seus objetivos didáticos e sabendo das suas condições de trabalho, decidir sobre os melhores/possíveis caminhos a trilhar. Por isso,

queremos deixar aqui não exatamente respostas ao “como?”, mas orientações muito gerais que podem servir como balizadoras das práticas docentes, quando o objeto de ensino é a classe dos adjetivos.

A primeira orientação é a de que os itens adjetivais devem ser apresentados e discutidos em seus contextos de uso. Se o(a) professor(a) optar por seguir essa orientação, ele(a) deverá proceder ao trabalho de selecionar gêneros de textos, escritos e orais, já que é necessariamente em textos que os adjetivos ocorrem e desempenham diversas funções (textuais e discursivas).

A segunda orientação, que de certa forma se confunde com a primeira e se estende ao estudo de todas as classes de palavras, é a de que o estudo dos aspectos funcionais (textuais e discursivos) dos adjetivos tenha prioridade em relação ao estudo dos seus aspectos formais. Com isso, um dos objetivos principais do ensino dos adjetivos deveria ser o de intermediar a percepção de como esses itens atuam na organização dos textos, como eles são empregados para atender a certos propósitos comunicativos.

Textos privilegiadamente descritivos são geralmente muito ricos de itens adjetivos. Somente para dar um exemplo, observe como, no excerto abaixo, coletado de um site de uma rede de hotéis do Rio de Janeiro, os adjetivos destacados (em posição adnominal) desempenham um papel fundamental, no sentido de colaborarem para imprimir no leitor uma imagem positiva da cidade do Rio de Janeiro.

TEXTO 1

PRAIAS

A paisagem **paradisiaca incomparável** do Rio é um dos **fortes** motivos pelos quais ele é chamado de *Cidade **Maravilhosa***. Praias, parques, reservas e cachoeiras são as opções **preferidas** de quem quer curtir o “verão o ano inteiro” que o clima **quente** da cidade oferece. A Praia de Ipanema é conhecida mundialmente por causa da sua beleza **magnífica** e por ser o cenário da música “Garota de Ipanema”, composta por Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes. A Praia de Copacabana também é muito famosa por ser um dos **principais** cartões-postais da cidade com seu calçadão **inconfundível**.

(Excerto disponível em: <https://rederiohoteis.com/rio-cidade-maravilhosa>. Acesso em 02.set.21)

Obviamente o(a) professor(a) pode explorar os adjetivos do Texto 1 como unidades menores, ou seja, como “palavras”, que têm radical, prefixos e sufixos, que se flexionam, que significam. Pode explorá-los também como componentes de sintagmas e de sentenças. Contudo, consideramos que o trabalho mais relevante do(a) professor(a) é o de ajudar os(as) estudantes a perceberem como os itens adjetivos são empregados no Texto 1 para atender ao propósito de enaltecer a cidade, de retratá-la como “maravilhosa” e de, afinal, seduzir o leitor e convencê-lo a visitar o Rio de Janeiro.

Uma terceira orientação relaciona-se à nossa convicção de que o ensino da língua materna deve levar os(as) aluno(as) não apenas ao conhecimento da gramática de sua língua, mas, sobretudo, ao desenvolvimento da capacidade de **refletir**, de maneira crítica, sobre o mundo que os(as) cerca e, em especial, sobre a utilização da língua como instrumento de interação social.

A partir dessa convicção, sugerimos que o trabalho escolar com a classe dos adjetivos seja planejado com vistas a levar o(a) aluno(a) a **analisar, refletir e investigar**. Nesse percurso, a mediação do(a) professor(a) é crucial: na apresentação de textos/gêneros diversificados, no encaminhamento das discussões sobre os textos, na eliciação de questões advindas dos textos, na sugestão de atividades de análise e reflexão, na provocação para que o(a) aluno(a) se sinta desafiado a refletir sobre os

textos, no estímulo à pesquisa, na aplicação das conclusões da análise em novos textos (de autoria do(a) aluno(a), ou não), dentre outras ações.

Uma quarta e última orientação é, de fato, uma espécie de lembrete: é importante o(a) professor(a) ter sempre em mente que toda e qualquer classificação não passa de um esforço, por vezes inócuo, de agrupar em categorias itens linguísticos que compartilham alguma semelhança e, assim, distingui-los de outros itens, na tentativa de compreender como a língua funciona. Dada a complexidade de usos de uma língua, esse esforço de classificação requererá sempre novas subclassificações, que devem ser revisitadas e checadas, de tempos em tempos.

Isso implica compreender que as classificações e subclassificações dos adjetivos não são fixas e eternas, mas variam de estudo para estudo, à medida que as pesquisas se aprofundam. Por isso, nossa orientação é que o(a) professor(a) seja, também ele(a), um pesquisador contumaz, atualizado, curioso, inquieto.

4 Considerações finais

Um dos objetivos deste artigo foi o de compartilhar com o leitor algumas reflexões acerca de aspectos formais e funcionais dos itens adjetivos. Essas reflexões revelam nossa inquietação no que concerne ao tratamento escolar conferido a essa classe, tratamento que, numa perspectiva normativa, privilegia o ensino e aprendizagem de aspectos formais dos itens e raramente explora seus aspectos mais textuais e discursivos.

Na primeira seção do trabalho, partimos das subclasses dos adjetivos – qualificadores e classificadores – para mostrar, com farta exemplificação, que muitos itens adjetivais não se enquadram nessas subclasses, o que nos levou a concluir que uma subcategorização bipartida não é suficientemente abrangente para dar conta da heterogeneidade dos adjetivos.

Neste trabalho, ainda, buscamos demonstrar como a compreensão de alguns sintagmas é contextualmente dependente, o que nos leva a defender que o estudo da classe dos adjetivos – assim como o de todas as classes de palavras – não pode ser feito de maneira isolada, desconectada de seus contextos de uso.

Outro objetivo deste trabalho foi o de dialogar com o(a) professor(a) de português, em especial o(a) da Educação Básica, buscando estimulá-lo(a) a pesquisar e a refletir mais sobre a classe dos adjetivos, que, sem dúvida, é uma classe aberta a muitas pesquisas.

Esperamos que as reflexões, discussões e orientações presentes neste trabalho consigam alcançar o(a) professor(a) de português, e que o tratamento escolar dos adjetivos seja mais abrangente e aprofundado, para que os professores questionem a afirmação simplista de que “adjetivo é a palavra que modifica o substantivo, atribuindo-lhe um estado, qualidade ou característica” (NICOLA e INFANTE, 1997, p.172) e sintam-se encorajados a ampliá-la.

Referências

BIDERMAN, Maria Tereza C. “Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas”. Texto mimeografado (trabalho apresentado em mesa-redonda no XI Encontro Nacional da ANPOLL). João Pessoa-PB, 1996.

BORBA, Francisco S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

CASTELEIRO, João M. **Sintaxe transformacional do adjetivo**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981.

CASTILHO, Ataliba T. & CASTILHO, Célia Maria M. “Adjetivos predicativos no português falado”. Texto mimeografado. São Paulo/Campinas, 1993.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da língua portuguesa**. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: FENAME, 1976.

DE NICOLA, José e INFANTE, Ulisses. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1997.

ILARI, Rodolfo. Introdução. In: ILARI, R. (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**: volume III: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014, p.7-11.

LIMA, Ana. “Adjetivos qualificadores e classificadores”. Texto mimeografado. Araraquara-SP, 1998.

LIMA, Ana. Revisitando a classe dos adjetivos. In: LIMA, A. e PESSOA, A. C. **Questões de linguagem**: pesquisa e ensino em produção de textos e análise linguística. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2014, p.137-157.

NEGRÃO, Esmeralda V.; MÜLLER, Ana Lúcia; NUNES-PEMBERTON, Gelza; FOLTRAN, Maria José. O adjetivo. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: volume III: palavras de classe aberta. São Paulo: Contexto, 2014.

NETO, José Borges. **Adjetivos. Predicados extensionais e predicados intensionais**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1991.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2a. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Fonte dos enunciados:

- (1) Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/noticias/mensagem-da-oxfam-brasil-sobre-a-crise-do-coronavirus>. Acesso em 30/ago/21.
- (2) Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/trabalhador-rural-como-usar-o-tempo-de-trabalho-para-se-aposentar>. Acesso em 30/ago/21.
- (3) Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/geografia/o-brasil-um-pais-todos.htm>. Acesso em 30/ago/21.
- (4) Disponível em: <https://www.projetoedacao.com.br/temas-de-redacao/classe-social-a-estrutura-para-a-estabilidade-economica-e-politica-de-um-pais/classes-pressupostos-para-a-desigualdade/3d5da4961d>. Acesso em 01/09/21.

- (5) Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/02/06/por-que-os-elogios-nos-fazem-tao-bem-veja-por-que-vale-a-pena-elogiar-mais.htm?>. Acesso em 01/09/21.
- (6) Disponível em: <https://noticias.portaldaindustria.com.br/entrevistas/inovacao-e-chave-para-brasil-melhorar-productividade-aponta-especialista>. Acesso em 01/09/21.
- (7) Disponível em: <https://oab-ma.jusbrasil.com.br/noticias/481529/advogado-e-peca-chave-para-o-desenvolvimento-do-pais>. Acesso em 01/09/21.